

**“OS LEPROSOS DOS ANOS
80”, “CÂNCER GAY”,
“CASTIGO DE DEUS”:
homossexualidade, AIDS e
capturas sociais no Brasil
dos anos 1980 e 1990**

“THE LEPROSY OF THE 80’S”, “GAY
CANCER”, “PUNISHMENT OF GOD”:
homosexuality, aids and social
catches in Brazil of 1980 and 1990

“LOS LEPROSOS DE LOS AÑOS 80”,
“CÁNCER GAY”, “CASTIGO DE
DIOS”: homossexualidade, sida y
captura social en el Brasil de los
años 1980 y 1990

**Fábio Leonardo Castelo Branco Brito¹
Johnny de Moura Rosa^{2, 3}**

RESUMO

Este artigo busca analisar as tentativas de captura social de subjetividades desviantes nas décadas de 1980 e 1990, relacionadas à homossexualidade e à

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí, especialização em História do Brasil pela Faculdade Latino Americana de Educação, mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Ceará. É Professor da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da mesma instituição. E-mail: fabioleobrito@hotmail.com.

² Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Membro do GT "História, Cultura e Subjetividade" (DGP/CNPq). E-mail: johnnymoura1@hotmail.com.

³ Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Avenida Cícero Eduardo, Junco, CEP: 64607675 - Picos, PI, Brasil.

AIDS. A forja de discursos que nomeava a homossexualidade como sendo uma prática pecaminosa, bem como a AIDS como “câncer gay” e “castigo de Deus” e os aidéticos como “leprosos dos anos 1980”. A partir do conceito de dispositivo da sexualidade de Michel Foucault, serão pensados os investimentos discursivos, produzidos tanto na imprensa de ampla circulação, através de reportagens da revista *Veja* e dos jornais *Jornal do Brasil* e *Última Hora* dos anos 1980 e 1990 e de crônicas de Caio Fernando Abreu, no livro *Morangos mofados*, publicado em 1982.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; AIDS; Brasil; Década de 1980; Década de 1990.

ABSTRACT

This article analyzes the attempts of social capture of deviant subjectivities in the 1980s and 1990s related to homosexuality and AIDS. The forging of discourses that named homosexuality as being a sinful practice, as well as AIDS as “gay cancer” and “punishment of God” and AIDS’s carriers as “lepers of the 1980s”. From Michel Foucault’s concept of the device of sexuality, discursive investments, produced both in the widely circulated press, will be thought through the reports of *Veja* magazine and *Jornal do Brasil* and *Última Hora* newspapers of the 1980s and 1990s and chronicles of Caio Fernando Abreu, in the book *Morangos mofados*, published in 1982.

KEYWORDS: Homosexuality; AIDS; Brazil; 1980s; 1990s.

RESUMEN

En este artículo se pretende analizar los intentos de capturar desviados subjetividades sociales en los años 1980 y 1990, relacionados con la homosexualidad y el SIDA. La fragua de discursos nombrados homosexualidad como una práctica pecaminosa y el SIDA como un “cáncer gay” y “castigo de Dios” y los pacientes con SIDA como “leprosos de los años 1980”. Desde el concepto de dispositivo de la sexualidad de Michel Foucault, las inversiones discursivas serán diseñados, producidos tanto en la prensa de amplia difusión a



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>

través de la revista *Veja* informes y el periódico *Jornal do Brasil* y *Última Hora* de los años 1980 y 1990 y crónicas de Caio Fernando Abreu, en el libro *Morangos mofados*, publicado en 1982.

PALABRAS CLAVE: Homosexualidad; SIDA; Brasil; Década de 1980; Década de 1990.

Recebido em: 31.01.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Introdução

[...] Num programa televisivo infantil, “Domingo no Parque”, de Silvio Santos, um garoto de uns dez anos participou de um concurso de charadas contando esta: “Porque o papagaio não pega AIDS?” Resposta: “Porque ele só dá o pé”. Silvio Santos elegeu essa como a melhor charada da tarde e premiou o menino com um par de tênis (TREVISAN, 2000:437).

Brasil, meados dos anos 1980, início dos anos 1990. Observemos, nesse pequeno trecho, a descrição de um acontecimento que havia se dado em um programa televisivo bastante popular no Brasil. Ao o analisarmos, nos colocamos diante de uma série de questões acerca desse período sobre a AIDS⁴, desde o seu surgimento até as relações que são estabelecidas entre os sujeitos aidéticos e os não infeccionados. O programa infantil destinado a um público de todas as idades retratavam, de forma humorística, quase jocosa, o sujeito aidético, representando esses sujeitos como se fossem objeto de riso, da atitude de zombaria daqueles que se diziam “normais” ou “saudáveis”. “Vai correndo botar um calção porque a AIDS pega pelo bumbum”, dizia uma garota de seis anos ao observar o seu irmão mais novo correndo pelado (VEJA, 1988). Esses discursos, próprios de uma época, partindo dos lugares nos quais são construídos – programas de televisão e falas infantis – dão a ver a naturalidade com a qual são propalados, resultado de uma naturalização de determinadas formas de ver e dizer a síndrome que se difundia no Brasil a partir dos anos 1980 e seus portadores. “Pega pelo bumbum” ou “não pega AIDS porque só dá o pé” são discursos agressivos, pois condena as práticas sexuais via anal – principalmente pelo viés religioso cristão – e, embora não os cite diretamente,

⁴ Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida. Uma doença que destrói a capacidade do organismo humano em combater infecções, ou seja, como o sujeito não consegue desenvolver os recursos imunológicas, uma simples doença pode acarretar em doenças mais sérias que conseqüentemente leva a morte. O sujeito aidético tem altos índices de ser morto em pouquíssimo tempo caso não entre num tratamento específico para a doença.

dá visibilidade a preconceitos diversos contra um grupo bastante específico da sociedade: os homoafetivos.

A desinformação sobre o vírus percebida na fala desses sujeitos cria um conjunto mistificações e estereótipos que são reproduzidos na forma de transmissão da doença. Os ataques desse público mirim, tal como é visto tanto no exemplo da piada divulgada no programa de Sílvio Santos quanto no discurso infantil naturalizado, é fruto de um conjunto de ideias que emergem no meio social na qual estão inseridos. É justamente nesse ambiente de disputas e bombardeiros midiáticos, fruto dos primeiros conhecimentos que se tem sobre o assunto aqui destacado, principalmente pelo lado preconceituoso que atuari para analisar o que Michel Foucault denominou de *dispositivo de sexualidade*:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979:138).

Esse dispositivo são discursos e práticas que, segundo o autor, têm uma função de “responder a uma urgência” num determinado momento histórico. Assim, ele se mantém de natureza estratégica, ou seja, trata-se de uma organização, intervenção e manipulação das relações de poder para conduzir a uma determinada linha, seja bloqueá-la, estabilizá-la ou utilizá-la. Por isso, pode se considerar como um jogo de poder “sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 1979:138).

Em *História da sexualidade: a vontade de saber*, Michel Foucault retrata a repressão sexual que surge na sociedade ocidental tendo por base um elo de ligação entre saber, poder e sexualidade, constituída pela “transgressão das leis,

uma suspensão das intermediações, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos de poder” (FOUCAULT, 1988:11). Mas o sexo que se pretende calar, é aquele que é falado, ou melhor, quando se tenta repreender o sexo, fruto da sociedade burguesa, ele é mais difundido. Parece paradoxal se observamos no discurso, mas um exemplo que podemos citar são as confissões religiosas: o padre apoia a ideia do sexo calado e restringido ao quarto dos pais, mas espera que o fiel – independente da sua idade – fale na confissão todas as suas experiências sexuais no ato de buscar a liberdade do pecado. Assim, percebermos uma das correntes que, para o sexo ser silenciado, ele é falado.

Assim, surge a AIDS, como espécie de hecatombe social, entre meados dos anos 1970 e início da década de 1980, uma doença que, até aquele momento, não contava com um conhecimento científico aprofundado a seu respeito. O espaço vazio deixado pela ciência e pela densidade de pesquisas a seu respeito, bem como as diversas dúvidas deram lugar a discursos de diversas instituições de saber – Estado, medicina, Igreja etc. Esses conhecimentos assumem uma carga de verdade, as instituições estabelecem uma rede de poder sobre o assunto. E essas relações através dos diversos discursos são objetos de estudos para entendermos a finalidade que se pretende, dominar, docilizar e normatizar os corpos.

“Eu vi a cara da morte, e ela estava viva – viva!”: primeiras impressões sobre algumas subjetividades desviantes

Ao abrir o Jornal *Última Hora* do dia 7 de julho de 1983, temos, em sua primeira página, uma série de notícias sobre política, economia, desastres naturais e conteúdos cotidianos. A primeira página do jornal funciona como

índice para as matérias que serão encontradas folhas adentro, mas o interessante é que nada consta sobre a AIDS, mesmo tendo-a impressas ali. Estaria o jornal disposto a não dar destaque a tais notícias? De fato não podemos ter certeza, mas dentro do jornal encontramos a emblemática de um homem de barba, com olhos gigantescos e um nariz no mesmo padrão, com uma aparência de dúvida olhando para o espelho dentro do banheiro, tal como aparece estampado na imagem 01, que abre este capítulo. Observamos que, no espelho, ao invés de encontramos o seu reflexo, consta a figura de um demônio com a língua para fora, como uma espécie de representação tenebrosa tanto do sujeito que aparece retratado – doente, pecador, sujo, moribundo – quanto uma forma de amedrontá-lo, fazê-lo temer a si mesmo e aos seus semelhantes.

A intenção do autor dessa imagem deixa transparecer que no início da década de 1980 – na visão específica do jornal, não podendo ampliar essa afirmação para outros campos – estava a transformar os sujeitos contaminados pela AIDS em seres demoníacos, algo maligno e assustador na qual o próprio sujeito doente duvidaria da sua existência enquanto portador da síndrome imunológica. As notícias dos jornais, os preconceitos em momentos cotidianos eram partes de um modelo abusivo e pejorativo de tentar fazer com que o aidético se visse como um anormal. Para que se olhasse no espelho e visse um demônio. Mas afinal, porque tanto preconceito com os aidéticos?

Uma suposta resposta para esse questionamento vem antes mesmo do surgimento da AIDS, mais especificamente em meados dos anos 1960. A homoafetividade, ou seja, a relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo, vem sofrendo uma série de ataques no Brasil e no Mundo, como o caso do bar *Stonewall Inn*, em Nova York, nos Estados Unidos. Famoso por um público diverso, dentro do qual apareciam homossexuais, que encontravam em seu espaço um ambiente de liberdade, tornou-se um acontecimento significativo a

tentativa de repressão, por setores conservadores da sociedade, sob a forma do aparato policial, tal como descreve Edwar de Alencar Castelo Branco:

[...] Na madrugada de 27 para 28 de junho de 1969, os homossexuais que frequentavam o local reagiram às recorrentes repressões policiais que sofriam. Naquela noite, muitas pessoas buscaram bares no bairro boêmio de *Greenwich Village* depois de acompanharem o funeral de Judy Garland. Sob a justificativa de que faltava a licença para a venda de bebidas que se opunham. Mas a resistência ganhou força e os enfrentamentos se espalharam pelo *Greenwich Village*, durando quase todo o dia 28 daquele mês. Ao final, com o crescimento do número de homossexuais e apoiadores que se dirigiram ao local, os policiais se retiraram (ALVES, 2012:147).

No final da década de 1960, nos Estados Unidos, começa uma série de ataques contra esses grupos que tentam conquistar espaços públicos. O caso do bar *Stonewall Inn* nos propõe a perceber uma série de comportamentos da sociedade estadunidense, o espaço público vira um “campo de guerra” entre o grupo dominante – heterossexualidade – e grupo das minorias – homoafetividade: *“Public urban space i.e. the city street is geographically and socially constructed as the space where heterosexuality works as the dominant and hegemonic sexual”⁵*.

A propósito disso, o cantor e compositor Renato Manfredini Júnior, conhecido como Renato Russo na situação de aidético, tendo problemas com o álcool e apresentando-se como um sujeito homoafetivo, no início da década de 1990, lançaria um álbum solo intitulado *The Stonewall Celebration Concert*, na qual podemos encontrar 21 faixas, todas em inglês. O álbum com “canções de

⁵ O espaço urbano público, ou seja, a rua da cidade é geograficamente e socialmente construído como o espaço onde a heterossexualidade funciona como a dominante e hegemônica norma sexual. Ver: UJIANAWATI, Vista Sandy Miftakhul. **The 21st Century U.S. Gay Pride Parade as Constructed in the Online News Article of The Seattle Times Newspaper Published between 2009 – 2011**, Jurnal Bahasa Sastra dan Studi Amerika, 2016

amor num formato mais pop⁶ tem um objetivo bem claro: lembrar o marco na história das minorias acontecido em 27 e 28 de junho de 1969, o ataque aos gays no bar *The Stonewall*. Em comemoração aos 25 anos da conquista alcançada, Renato Russo revela que as canções de amor têm um apelo universal, mas partindo da sua experiência, da sua orientação sexual⁷. As músicas transmitem uma sensação de alívio e paz, destacando o momento vivenciado pelo cantor, onde a imprensa lança uma série de ataques contra os sujeitos homoafetivos. A partir das questões levantadas, é possível perceber que as liberdades do corpo emergem nesses sujeitos na mesma medida que o seu sufocamento entra em contrapartida. O ocorrido na madrugada do dia 27 de junho daquele ano ganhou repercussão na mídia ficando reconhecido como o “Dia do Orgulho Gay”, em defesa da diversidade sexual.

Nesse período, o corpo redescoberto se mostra em diversos meios tais como na política e na arte. O corpo vira instrumento de quebra de padrões culturais e sexuais defendidos pela sociedade, ele tenta ser livre para expressar seus desejos. “É como se o corpo deixasse de ser tabu, sede do pecado e das doenças” (SOUZA & ARRAES FILHO, 2013:103). Podendo citar a própria literatura publicada no final da década de 1950, como o livro *On the Road*, lançado em 1957 e que se tornaria, posteriormente, um emblema da contracultura, em que o protagonista tende a pegar uma mochila e sair pelo mundo sendo seu corpo instrumento de sua liberdade.

No Brasil, as lutas pelo corpo livre acontecem na mesma medida que o preconceito e a violência também avançam no contexto social. Edwar de Alencar Castelo Branco, analisando esse período no cenário brasileiro e

⁶ Fala do Renato Russo em uma entrevista sobre o álbum *The Stonewall Celebration Concert*. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=EPZ5Rd5h1QM>

⁷ Ibid.

mundial, observa que as “maravilhas tecnológicas” que emergem para o mundo como a chegada do homem à lua, o transplante de córnea entre outros acontecimentos que são divulgados nos meios de comunicação foram essenciais para pôr em cheque os antigos valores culturais – dou ênfase à heterossexualidade que passa a ser questionada. A juventude observa essa década como forma de se rebelar contra os instrumentos que lhe impõe determinados conceitos. O uso de minissaias, assim como tantos outros signos já apontados, aparece como uma forma de libertar o corpo:

A descrição e nomeação das vestimentas jovens nos anos sessenta oferece, também, um interessante ponto para perceber a tensão entre o velho e o novo no período. Um dos ingredientes deste confronto será justamente a questão da irrupção do corpo no cenário público. As minissaias – provavelmente a peça síntese da roupa jovem de então – promoveriam uma erotização dos corpos que teria reflexos em diferentes âmbitos sociais. Isto explicaria a reação de setores como a Igreja Católica, que fez afixar nas portas das igrejas advertências que colocavam as minissaias e o céu como antípodas entre as quais era preciso optar. O uso de minissaias equivaleria – na época e do ponto de vista da igreja – a uma opção pelo inferno (CASTELO BRANCO, 2004:58).

Observemos que não só o corpo estava se libertando como também os instrumentos para estabelecer contraposições a antigos valores. A Igreja foi uma fonte fundamental para taxar termos pejorativos aos sujeitos que ocupavam espaços e posições que antes não lhes eram permitidos, ou mesmo deixar claro que essa nova opção estaria levando num caminho direto para o inferno. Duas décadas depois da emergência de diversos dos signos acima descritos, o Brasil vive o rescaldo de um período de ditadura civil-militar, no qual não somente a Igreja como diversos órgãos legais foram definidores para reprimir tais sujeitos considerando desviantes na cultura padrão. A política tradicional funciona na perspectiva de atingir as massas através dos partidos, das classes e os estados, porém a micropolítica, pensa nas situações do

cotidiano, o micro pensa em fatos antes marginalizados como o sexo, drogas, cultura etc (GUATTARI & ROLNIK, 2014).

Durante o período de redemocratização do Brasil por volta da década de 1980, em diversos meios de comunicação com os jornais, rádios e televisões surgem alguns sujeitos que retratam de algo antes tido como interdito, de forma que não poderia ser exposto em público, a homoafetividade. A ditadura civil-militar deu força a esse movimento de repressão a aquele que assumisse sua postura homo. As músicas produzidas no período ditatorial passavam por um “filtro” antes de chegar ao público, isto é, existiam órgãos específicos para tais atos como o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP) criada em 1965, sendo substituída em 1972 pela Divisão de Censura Pública (DCDP). Esses órgãos tinham como finalidade, defender a moral e os bons costumes contra os novos valores morais que apareciam no meio social como a nova posição social da mulher, as drogas, a prostituição, a livre orientação sexual, a condição masculina/feminina, entre outros (LEAL, 2014:18).

A escala de repressão não aconteceu somente no campo macropolítico, mas também no micropolítico (GUATTARI & ROLNIK, 2014), nas situações cotidianas. Analisemos duas situações, a primeira que podemos destacar é que a censura não se deu somente por parte dos órgãos criados pela ditadura, mas também pela própria sociedade, cartas eram enviadas as instituições públicas (como a Divisão de Censura Pública – DCDP) denunciando e pedindo que reforçassem as análises e cumprisse mais rigidamente a censura quando certa música ou forma de agir passava despercebida por esses órgãos. Carlos Fico nos mostra que eram cerca de 200 cartas que o órgão recebeu no período 1976 a 1980:

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>

“Prezada Censura e amigos” foi a fórmula encontrada por uma “senhora doente” para dirigir-se à DCDP. Ela, que não trabalhava, encontrara tempo para atender ao pedido de “umas 50 mães de família” de encaminhar solicitação para que fossem censurados os programas de TV que contivessem “bandalheira, falta de moral e falta de respeito”. Dizer-se “mãe de família”, “idosa”, “pai de adolescentes”, “cinquentenário”, tanto quanto defender os “indefesos” — aí incluídos os velhos, as crianças e as mulheres — era a maneira que os remetentes encontravam para apresentarem-se autorizadamente diante do poder público. Jovens e crianças aparecem especialmente indefesos nas cartas, demandando os cuidados da censura, pois “faltalhes ainda, infelizmente, a orientação segura que nem o lar nem a escola” deveriam dar. Tudo poderia atingi-los, degenerá-los, despertar lhes “os maus sentimentos porventura embrionários”, pois os “menores não sabem discernir”. Inseguros diante da “onda erótica e pornográfica”, do “vandalismo sexual”, da “poluição do sexo”, da “anarquia sexual”, apelavam para a autoridade (FICO, 2002:269-270)

A carta que a senhora dirige a DCDP nos mostra que não somente os sujeitos que comandavam o País eram defensores em defesa da “boa moral e dos bons costumes”, mas a Igreja e sociedade civil levantavam essa bandeira e acreditava na força da ditadura em defender os valores que estavam ameaçados pelos novos conceitos que emergiam nesse contexto desde anos sessenta traçado pela carta que ela escreve: “onda erótica e pornográfica”, do “vandalismo sexual”, da “poluição do sexo”, da “anarquia sexual”, tais significados são expressões do corpo livre, porém em termos pejorativos, assim, sendo incapaz de conter esse movimento, apela para o poder público tal repressão.

A segunda situação dessa esfera micropolítica é retrata pelas experiências que o poeta brasileiro Torquato Neto enfrentou ao deixar o seu cabelo crescer. O fato de um homem deixar o cabelo crescer era algo banal, pois andar com o cabelo grande era sinônimo de “homem das cavernas” (CASTELO BRANCO, 2004:91). Castelo Branco, mais uma vez, retrata a dificuldade em ser aceito em algumas instituições devido ao tamanho do

cabelo, como o diretor da Escola Federal Industrial de Alagoas, Amaral Nascimento, que recusou a matrícula de 20 alunos por terem cabelos cumpridos. Ou o jogador de futebol, Afonso Celso Reis, que foi recusado de treinar no Botafogo:

Historicamente o cerco aos cabeludos serve para mostrar como a Ditadura Militar não é uma entidade acima da sociedade brasileira e repressora do conjunto da nação. Ela é desejada e está entranhada de tal maneira nas pessoas que elas reproduzem com naturalidade a repressão em escala micro, questionando e procurando fazer cessar os modelos de subjetividades alternativas ao modelo padrão. As pessoas desejam o autoritarismo porque projetam nele um instrumento para barrar o ritmo das mudanças e reinventar cotidiana e reativamente a tradição. [...] (CASTELO BRANCO, 2004:93)

Edwar de Alencar Castelo Branco, tal como pode ser visto, nos propõe uma reflexão sobre a atuação da escala micro no contexto macro, a defesa da “boa moral e dos bons costumes” só teve uma fundamentação devido à grande parcela da população que serviu como pilar de sustentação do poder público, a repressão contra esses sujeitos considerados desviantes não parte somente de uma escala maior, mas de via dupla da maior e da menor instância. Podemos perceber a situação em que se encontra o Brasil durante esse período autoritário. Assim, o homoafetividade esteve em combate direito com essas instâncias do micro e do macropolítico. O preconceito e a violência são formas de defenderem os antigos valores que estão sendo ameaçados pelos sujeitos desviantes.

Afinal, o que é ser homossexual no Brasil?

A Revista *Veja*, em edição de 12 de maio de 1993, realizou uma pesquisa sobre a visão dos brasileiros a respeito dos homossexuais, um quadro alarmante para o resultado encontrado. Entrevistando 2000 pessoas no país

inteiro, apenas 36% dos brasileiros não empregariam uma pessoa – mesmo sabendo que é a mais qualificada profissionalmente para o cargo – se soubesse que se trata de homossexual. 45% trocariam de médico se descobrisse que ele é gay, o mesmo aconteceria com o dentista. 47% dos entrevistados mudariam seu voto caso fosse revelado que o seu candidato a uma eleição é homossexual. 56% não aceitariam um homossexual na Presidência da República. 79% ficariam tristes se tivesse um filho homossexual, 8% seriam capazes de castiga-lo. E por fim, 51% acham que se nasce homossexual e um quinto dos entrevistados acredita que o tipo de educação recebida pela pessoa é que determina a homossexualidade (VEJA, 1993).

A pesquisa levantada pela revista nos propõe a analisar o termômetro da homoafetividade nos espaços mais diversos. As escolhas mais sérias como a vida política governamental, cotidiana ou mesmo a escolha de um médico não é definida pelas capacidades de discernir sua função, mas pela orientação sexual escolhida, como se a escolha sexual atingisse diretamente a vida em sociedade. Vale destacar que ainda nessa pesquisa, cerca de 50% dos entrevistados não aceita um sujeito gay no campo externo ao seu cotidiano como a política e o médico, mas quanto parte para o campo interno, dentro de casa, esse número cresce para quase 80%. Levando-nos a pensar que a aceitação do sujeito gay pode sim acontecer, desde que não aconteça no meu ambiente familiar, nos parecendo respostas contraditórias.

Muitos outros exemplos podemos destacar, para manter-se no ambiente de trabalho, ou mesmo crescer nele, parecia ser necessário não declarar publicamente a sua homoafetividade, mesmo que, no caso dos atores, tivessem que interpretar o papel de um sujeito gay. O caso da telenovela *Deus nos Acuda*, levada ao ar na Rede Globo, em 1992, aparece como exemplo, na medida em que o autor Sílvio de Abreu retrata um travesti no seu enredo, mas

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p751>

afirma que o ator apenas está encenando, pois caso assumisse em público ele perderia o seu público. Outro caso semelhante, nessa mesma ambiência histórica, seria o da cantora Simone no programa *Flash*. Em entrevista ao jornalista Amaury Júnior foi perguntado sobre um boato de romance dela com a apresentadora da Xuxa, a resposta imediata e demonstrando a perda de compostura: “Isso é coisa de gente doente, que quer viver de fofoca e da vida alheia”, ainda com o programa no ar, ela continuou gritando “gente doente” (VEJA, 1993, p. 54-55). A vida do ser gay, entre as décadas de 1980 e 1990 está na condição de enfrentar diversas instituições fincadas no modelo da Família tradicional brasileira cristã, ou mesmo viver na marginalidade.

Filho de um caminhoneiro e uma dona de casa, o cabeleireiro paulista Mauro Henrique de Oliveira, 28 anos, ganhou um ultimato do pai quando passou a andar de brinco. “Levei uma surra que nunca esqueço. Depois, meu pai me avisou que quando eu fizesse 18 anos tinha de sair de casa”. Além das pressões da família, Mauro viveu a crueldade das ruas. Nas aulas de Educação Física era rejeitado pelos colegas. Ninguém queria no seu time um garoto franzino, tímido e que falava de modo delicado. Aos sábados, quando saía com roupas que chamavam atenção – calças apertadas, brincos e camisas floridas -, era esperado na rua pelos vizinhos de bairro que o escolhiam como alvo de bolas de futebol sujas (VEJA, 1993, p. 54).

O preconceito parte pelos membros familiares, a violência psicológica e física desses sujeitos servem como forma de punição ao “mal” que escolherem para a vida, onde tentam corrigir o “onde foi que eu errei”. Assim, vendo essa discriminação presente no contexto social, o sujeito homossexual acaba assumindo uma vida dupla, de um lado mostra aquilo que a sociedade conservadora espera e do outro esconde as opções sexuais que lhe cabem. Exemplo das sensibilidades interditas, em *Morangos mofados*, conjunto de

contos que Caio Fernando Abreu publica em 1982, temos retratadas essa homossexualidade escondida que os sujeitos preferem silenciar:

[...] Então tenho vontade de abrir todas as janelas da casa para que o sol possa entrar. É isso que me ocorre pelas manhãs, sempre à mesma hora, depois de ouvir os ruídos que ele faz antes de sair. Fico atento à água escorrendo da torneira, ao rascar da escova contra os dentes, à água da privada levando para os esgotos os detritos recusados pelos intestinos, à água limpando os resíduos de sono no canto dos olhos, à água fria do chuveiro despertando os músculos, à água aquecida para o café, fico atento a tudo. E água, água, água e água, eu repito todas as manhãs, e mesmo que continue o dia inteiro entre lençóis, a mão inventando prazeres escondidos entre as pernas, há sempre uma parte de mim que o acompanha pelas ruas, no seu trajeto sujo entre as faíscas metálicas dos automóveis, distribuindo os primeiros sorrisos falsos do dia, e pelo dia adentro afora, cumprindo sem hesitações o seu bem traçado roteiro. Sabe tudo o que quer, ele, o grande porco. E sabe exatamente como consegui-lo. Pelo dia afora, adentro, essa parte de mim que vai com ele tenta extravasar-se pelos seus olhos, pela sua boca, para alertar as grandes caras móveis que o observam com simpatia. A cada tentativa, ele me pressente e me rechaça, ele me empurra para o fundo de si para que eu não o desmascare. E me rouba a voz, e me leva o gesto, fazendo com que me cale e me imobilize impotente entre as pontas duras das quais ele se desvia, porco bailarino capaz de todas as baixezas pelo solo principal. É sem testemunhas que eu o desmascaro todas as manhãs, enquanto escuto escorrer a água com que supõe lavar toda a sua sujeira (ABREU, 1984:43).

A metáfora utilizada por Caio Fernando de Abreu ao dizer “desmascaro todas as manhãs, enquanto escuto escorrer a água com que supões lavar toda a sua sujeira”, retrata dos sujeitos que assumem essa vida de dois mundos paralelos. Nessa perspectiva, a relação sexual entre os rapazes acontece de forma distinta, sujeito observador trava uma luta interna para se mostrar ao público enquanto sujeito gay, mas logo é calado e sempre observa a sujeira – que é entendida como a relação homoafetiva – descer pelo ralo. Quando muitos não conseguem aceitar essa vida de agente duplo de si mesmo, o suicídio é uma forma de caminho.

[...] Não são poucos os suicídios. Foi o que aconteceu, em março do último ano (1984) com o estudante Ricardo Bruni e o auditor fiscal Marcelo Almeida. Marcelo tinha 30, e Ricardo, 16. Os dois eram primos e o pai de Marcelo, o general Sílvio Bruno, que chefiou o extinto SNI na Bahia, negou que tivesse um caso amoroso. Antes de se matarem, no entanto, os dois deixaram um bilhete e ligaram para a polícia baiana avisando que iriam fazer. “Nos matamos pelas pressões de nossos familiares”, escreveram (VEJA, 1985).

O suicídio não abarca todas as inseguranças que os sujeitos gays enfrentam corriqueiramente no Brasil. Analisamos as dificuldades de conseguir um emprego, de aceitação da família, de ser agente duplo de si mesmo, do suicídio como alternativa para dor um fim nas pressões, mas um ponto que merece destaque, quando tratamos do que era ser gay no Brasil, no momento histórico em questão, são as diversas formas de violências físicas e, em casos mais extremos, os assassinatos, ambas, representam formas violentas de punição da sociedade.

[...] E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos.

Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar.

[...]

Brilhávamos, os dois, nos olhando sobre a areia. [...]

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone teu signo ou endereço, ele disse. [...] A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro.

[...]

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai- ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. Fechando

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>

os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (ABREU, 1984:39-40)

Esse conto, escrito por Caio Fernando Abreu, ambienta-se inicialmente em uma pista de dança em que um homem rebola, dança e sensualiza para outro homem que estava na mesma pista. Depois dos flertes que ambos praticam, eles começam a apalpar os corpos uns dos outros, na mesma medida em que saem da pista de dança são atacados com os gritos de “veados”, mostrando a repressão do público que se encontra no mesmo local. Ao irem para a praia e fazer sexo, um grupo de homens começam a espancar, a violentar agressivamente os dois amantes, até que ao final a última imagem do amante foi ver o ser amado morto.

Ainda nessa perspectiva, Renato Russo, em resposta a uma pergunta de um repórter sobre a homoafetividade no Brasil na década de 1990, em que questiona se o preconceito que existe com esses grupos pode ter a solução na militância ou se esse processo de quebra vem de um período mais longo de educação? A resposta do artista organiza em alguns pontos, o primeiro: o sujeito, ao assumir sua sexualidade, enquanto homo, lésbica ou trans, estaria se colocando em uma linha de ódio por parte de grupos preconceituosos, sujeito a ser assassinado ou ter direitos limitados em relação as outras pessoas. No entanto, compreende que assumir sua identidade não deveria ser uma atitude de renúncia ao mundo. Questiona: a luta desses grupos de minorias, seria a luta por uma utopia? Difícil de responder. O segundo ponto cita a constituição brasileira, legislação na qual consta a liberdade de expressão, mas que essa liberdade seja de expressão e de ação. Não podemos apenas levar em conta somente o lado gay, e como ficaria os outros? Renato Russo afirma que a

sexualidade brasileira é “louca, onde todo mundo transa com todo mundo”, e questiona qual a linha que define o gay, a travesti, etc.? Segundo o mesmo não tem como organizar as sexualidades não-heteronormativas num grupo homogêneo. Por fim, o meio mais viável para quebrar esse preconceito seria, para ele, a atuação nos meios de comunicação. Através da presença dos grupos de minorias afirmando a sua identidade dentro desse contexto da comunicação se torna possível diluir o preconceito.⁸

A partir da fala do Renato Russo, é possível observar diferentes argumentos construídos ao longo desse trabalho. Nos meios midiáticos não percebemos uma forte presença da identidade gay como afirmação do sujeito e seus direito de livre expressão. Pelo contrário: os jornais e diversos outros veículos de imprensa tratam os homoafetivos como um grupo homogêneo que sofre – ou ainda merecem sofrer – pela sociedade, como algo negativo, uma doença que corrói o “modelo da família”. A liberdade de expressão está em lugares distantes com o exemplo das violências físicas e psicológicas sofridas pelos indivíduos, a constituição falha quando observada na prática. Então eis que o surge o vírus da Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida no meio dessa conturbação de preconceitos e termos pejorativos, e proponho uma questão: a associação dos gays como uma forma de contágio, no sentido de não poder andar com um homem afeminado pois se tornaria um, teria explicado a associação com a AIDS? Não posso afirmar, mas nos parece que a AIDS caiu como uma luva para o determinado momento de controle do corpo.

Os assassinatos e agressões são práticas que permeiam o contexto social. Percebemos que o ser gay no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, apresenta-se como uma condição de existência que carrega consigo uma de uma série de

⁸ Entrevista com o cantor Renato Russo da Banda Legião Urbana retratando sobre a homoafetividade no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZMiyNpj66RE/>

confusões, de modos violentos de repreensão, de não dar liberdade do corpo, subjetividade que vinha sendo reivindicada nos anos sessenta. Então assumir-se enquanto homoafetivo, no período em questão, é sinônimo de algo ruim, de incapacidade de crescer socialmente, ou seja, surge uma série de empecilhos que impedem o sujeito homo de assumir o seu corpo quanto a orientação sexual. E quanto mais instrumentos forem necessários para assumir essa prática ofensiva nos parece ser válida para a época.

Temas dos mais polêmicos, a aparição do nu masculino e o homossexualismo também se inserem nesse contexto de censura moral. Muitas cartas registraram os assuntos. O homossexualismo, para uma mulher que escreveu ao ministro da Justiça, era causado pelo abandono da prática de educar-se os jovens em colégios separados, uma educação "de rendinhas e perfume" para as meninas e de "botinas e cigarro" para os meninos. Todo tipo de menção ao homossexualismo motivava reclamações, especialmente quando relacionada a artistas famosos: "muitos gays estão, para nosso descrédito e vergonha, brilhando na constelação artística nacional [...] Se, como sabemos, a AIDS, realmente, ataca os putos, que ela, à falta de coragem para uma sanidade moral, seja muito bem-vinda" (FICO, 2002:273-274).

A postura da mulher que escreve para a censura demonstra claramente o uso da doença para punir os aidéticos. Aqueles que mostram seus corpos nos programas de televisão ou assumem uma postura mais "afeminada" para a escritora da carta citada acima são frutos de uma educação que não ensinou as posturas "corretas" dos homens e mulheres, corrompendo com o modelo de sociedade conversadora. Podemos citar o cantor Ney Matogrosso, que sobe aos palcos sem camisa e geralmente com panos cortados em forma de fios amarrados nos dois braços, rebolando nas quatro partes do palco e cantando ironicamente "nunca vi rastro de cobra, nem couro de lobisomem, menino eu

sou é homem, e como sou”.⁹ O cantor Renato Russo retrata em entrevista sobre a postura do sujeito homoafetivo, o “problema” desse sujeito não está relacionado normalmente a sua preferência sexual propriamente dita, mas sim a imagem que este repassa publicamente, um homem que apresente um postura firme, com voz grossa e traços “masculinos”, desde de que ele não revele publicamente sua preferência sexual, não existe problema, mas se um sujeito heterossexual que se relaciona com mulheres ter uma postura “feminina”, como andar rebolando, é taxado de gay.¹⁰ Assim, são esses artistas e sujeitos que a sociedade brasileira por meio das mídias começa a bombardear com de termos e notícias relacionando o aidético com o homossexual.

“Pânico em Gotham City”: a “síndrome da sauna”

PÂNICO em Gotham City. O terror se alastra pelas ruas. Homens temerosos evitam bares esfumaçados e becos escuros, pois sabem que correm o risco de vida. Muitos já morreram. Ninguém sabe de onde poderá partir um ataque fatal – todo cuidado é pouco. Irmão desconfia de irmão, amante de amante, ilustres passageiros de belos tipos faceiros.

Batman e Robin deixaram de fazer suas patrulhas noturna. Não saem de casa, juraram fidelidade absoluta um ao outro. Não saem de casa, juraram fidelidade absoluta um ao outro. Não sabem como enfrentar essa nova ameaça do Coringa. Ninguém sabe (GOODWIN, 1983, p. 02)¹¹

Pânico em Gotham City são as primeiras palavras que antecedem a notícia acima. O jornal trata dessa doença fazendo uma metáfora com a dupla de heróis Batman e Robin que protegem a cidade de Gotham City. Segundo a

⁹ Fora analisado shows e vídeo clipes do canto Ney Matogrosso na década de 1980, mas o destaque no texto foi um vídeo clipe da música *homem com H* feita pelo programa *Fantástico*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WHTbZa2Rih4>

¹⁰ Entrevista com o cantor Renato Russo da Banda Legião Urbana retratando sobre a homoafetividade no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZMiyNpj66RE/>

¹¹ GOODWIN, Rocky. AIDS – A Síndrome da Sauna. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1983.

matéria, a AIDS foi causado pelo vilão maléfico, o Coringa, mas, o importante do enredo se finca pela opção de não combater o novo “método do mal” causado pelo Coringa, a dupla prefere ficar em casa com medo da doença. O tom na notícia leva a acreditar na existência de uma relação amorosa entre o Batman e Robin quando retrata uma fidelidade de um ou outro dentro de casa. O autor da matéria tinha um objetivo bem claro, mostrar o contexto social vivido pela época, os sujeitos tinha medo de sair de casa por falta de informação, vale destacar que, com o surgimento da AIDS, as primeiras crenças de contágio era a transferência do vírus pelo beijo ou toque, por isso, a sociedade vivia com medo, pois ser aidético era saber que iria morrer, como retrata o cantor Cazuzza vítima da doença no texto *Ombra Mai Fu*. “Os ignorantes são mais felizes / Eles não sabem quando vão morrer / Eu não / Eu sei que eu tenho um encontro marcado / As pessoas esquecem o que precisam fazer/ Eu não posso me dar a esse luxo / Faço tudo caber nos meus próximos poucos dias”.¹² E essa sensação da morte andando a seu lado, de ter que aproveitar – ou não – os últimos dias de vida, de sofrer com as consequências de uma doença que mata lentamente, são as principais motivações para “Gotham City entrar em pânico”, ou melhor, para os brasileiros entrarem em pânico.

A AIDS avança. Numa era tão tecnológica, da chamada Medicina Moderna, parece uma das pragas da Idade Média. E, como na Idade Média, a sociedade se apressa em montar suas fogueiras. Queimar suas bruxas, exorcizar seus demônios, caçar os bodes. Quem serão os culpados? Claro, as vítimas, os gays. Os leprosos dos anos 80. “Os homens deixam as relações naturais com as mulheres, e se queimam de paixão uns com os outros. Por isso recebem, em si

¹² O texto é apresentado no filme *Cazuzza – O Tempo Não Para*, declamado pelo ator Daniel Oliveira, intérprete de Cazuzza, antecedendo a música *Faz Parte do Meu Show*. Ver: CAZUZZA – O TEMPO NÃO PARA. Direção: Sandra Werneck e Walter Carvalho. 2004. 98 min. son. color.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>

mesmos, o castigo que merecem por sua maldade" (Apóstolo Paulo, Carta aos Romanos 1:27). Os pregadores do Apocalipse e da Tradição, Família e Propriedade erguem seus brados com resquíscios de "bem feito". Afinal, o homossexualismo grassava descaradamente! Vade retro, sodomitas! E a melhor forma de repressão é a auto-repressão (GOODWIN, 1983, p. 02).

O conteúdo da matéria acima destacado em duas folhas no jornal, com várias menções sobre a relação da AIDS com a homoafetividade que, ora faz uma crítica a essa relação, ora faz um deboche é essencial para entendermos os discursos que propagam no meio midiático sobre esse estreitamento de abordagens para analisarmos como os artistas absorviam esse conhecimento da doença. No subtítulo da matéria descrita acima: *"AIDS – o popular câncer gay – é motivo de brincadeiras e chacotas desde barzinhos aos ambientes de trabalho. Mas o que será isto? Uma nova praga, tipo as da Idade Média?"*, podemos observar que o jornal percebe vários discursos que emergem no início da década de 1980 sobre a AIDS, uma doença com pouco conhecimento sobre seu paradeiro, apenas sabe-se que ela mata lentamente e de forma dolorida.

É feita, na matéria em questão, uma menção da própria Bíblia para rotular esses sujeitos "pecadores". O homem que se deita com outro homem e não com uma mulher, recebe o castigo vindo diretamente de Deus, pois não cumpriu os ensinamentos ensinados através da Bíblia. Assim, como na Idade Média através da Peste Negra que teve como primeira explicação para a morte de milhões de pessoas foi um castigo de Deus para lavar o mundo do pecado, a AIDS foi uma forma de castigar o homem por não manter a relação humana correta (homem e mulher), ora, a AIDS foi no primeiro momento somente diagnosticado nos gays. Sendo taxado de pecador, assim como as bruxas na Idade Média foram jogadas na fogueira por atentar contra os ensinamentos sagrados de Deus, os homoafetivos não foram jogados na fogueira física, mas

fizeram com que estes criassem sua própria fogueira psicológica, ou seja, demonizar-se por ser um indivíduo abandonado e jogado no lixo por Deus. Por isso, um subtítulo da matéria: *“Os leprosos dos anos 80”*.

O jogo político da Igreja nos jornais, não se restringiu em montar um esquema de ataques, mas utilizou da doença para sustentar seus próprios preceitos a partir de um determinado conceito de família. Na imagem abaixo, retirada do *Jornal do Brasil*, em edição de 05 de janeiro de 1989, é retratada uma espécie de balança, onde um lado está escrito o nome *AIDS*, e do outro uma família como pai, mãe e dois filhos. A metáfora da imagem representa a força e o poder da família em relação à AIDS, os sujeitos da imagem não são dois homens adultos no sofá, ou duas mulheres, mas sim um casal, trazendo através da imagem o discurso de família correspondida apenas de um pai e uma mãe. Acompanhado de um texto escrito pelo ministro da Saúde Italiano Donat Cattin direcionado a todas as famílias sobre o perigo do vírus. Devido a avanço da doença na sociedade, tem se iniciado uma forte campanha para o uso de camisinhas nas relações sexuais, mesmo nas famílias conservadores. Assim, o ministro levanta que a melhor solução para o combate da AIDS está fora dos preservativos, a prevenção deve ser a castidade dos filhos. A imagem e o texto são instrumentos de controle social do corpo, as liberdades que foram conquistadas na década de 1960 estão sendo docilizadas com o aparecimento da doença.

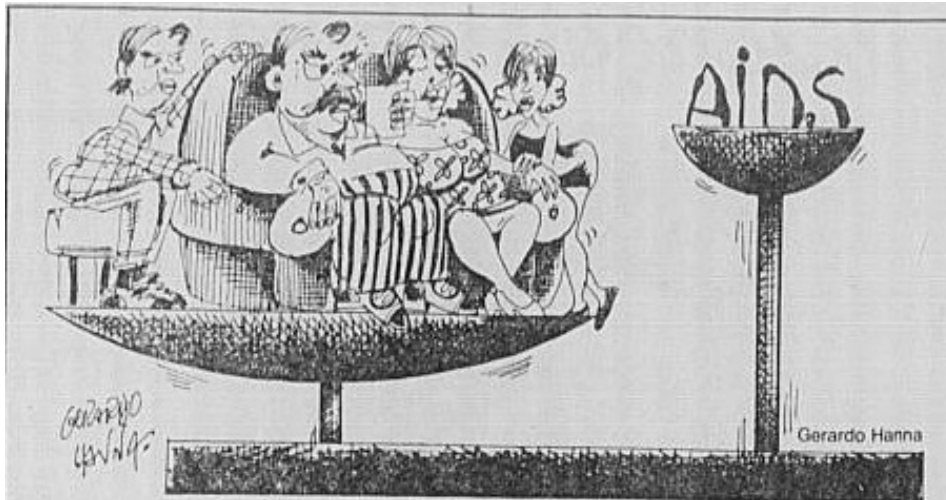


Imagem 03: Moralismo no combate à AIDS
Fonte: Jornal do Brasil – 5 de Janeiro de 1989

Além da Igreja, os discursos médicos foram fundamentais para os meios midiáticos rotular os sujeitos. Ambas as instâncias – o religiosa e a médica – se configuram enquanto instâncias de *poder*. A relação *saber* e *poder* segundo a arqueogenealogia de Michel Foucault, pode explicar esses dispositivos de sexualidade na aplicação da repressão (MACHADO, 2006). Por exemplo, a medicina contém o saber para autenticar se um sujeito é normal ou não, o saber de definir o que indivíduos podem comer. E como detentora da sabedoria tem o poder de intervir na vida sociedade de ditar o que certo e errado. Isso explica porque a AIDS, nos primeiros discursos produzido a respeito, havia sido rotulada de “câncer gay” – uma vez que a comunidade homoafetiva constituía seus primeiros portadores. E a Igreja, por sua vez, também detentora do saber religioso, detinha o poder em relação aos seus fiéis, de forma que um grande número de seguidores difundia, naturalizava e autorizava o discurso relativo à AIDS como um “castigo de Deus”.

Considerações finais

No início da década de 1980, Michel Foucault tomava conhecimento de um suposto “câncer” que atingiria apenas homossexuais. Sua reação, descrita como uma gargalhada incontrolável que o fazia dobrar-se no chão, significava que, ali, forjavam-se novas sensibilidades, novos afetos, novas cumplicidades entre um grupo já marginalizado pela sociedade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1998, p. 67).

Na esteira desse sentimento, que se alastraria juntamente com uma moralização do corpo que aparecia, na contramão de uma tendência libertária que parecia nascer desde os anos 1960, gays, portadores ou não do vírus HIV, tornam-se, no interior dos discursos produzidos no Brasil dos anos 1980 e 1990, objeto de captura social a partir de um amplo conjunto de discursos de normatização e disciplinação de seus corpos. Tais capturas sociais forjavam regime de verdade que partiam das instituições os denominavam, tais como o Estado, a medicina, a igreja e a dita família tradicional. Nesse sentido, as práticas sexuais ditas desviantes forjavam subjetividades que eram discursivamente construídas como erradas, objetos do castigo divino.

Na esteira desse discurso, notadamente heteronormativo, a AIDS aparecerá como um dispositivo da sexualidade, signo de um olhar de cunho moral, cuja captura, pelas mesmas instituições que se apropriavam da própria homossexualidade, constituíam, junto com o discurso médico, elemento para estruturar outros regimes de verdades, outras sensibilidades, que, a partir de diversas outras instâncias, tais como a música de compositores como Cazusa e Renato Russo, confirmariam cartografias de subjetividades que insistiriam em se manter à margem.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>

Referências

Fontes

GOODWIN, Rocky. AIDS – A Síndrome da Sauna. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1983. p. 02 (Revista)

O MUNDO gay rasga fantasias. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 26, n. 19, 12 maio 1993. p. 54-55

O QUE é ser gay no Brasil. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 26, n. 19, 12 maio 1993.

Veja. São Paulo: Abril, nº 884, 14 de agosto de 1985, p. 53.

Veja. São Paulo: Abril, ano 20, nº 17, 27 de abril de 1988.

Bibliografia

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Os 'maus costumes' de Foucault. **Pós-História**, Assis, v. 6, p. 67-87, 1998.

ALVES, Luciano Carneiro. Canções para a diversidade: Renato Russo celebra Stonewall (1994). In: CASTELO BRANCO, Edwar; MONTEIRO, Jaislan Honório. (Org.). **História, arte e invenção: narrativas da história**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq; Teresina: EDUFPI, 2012. p. 147-158.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália**. 2004. 289 p. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FICO, Carlos. "Prezada Censura": cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez. 2002, pp. 251-286.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. v. I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p751>

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2014.

LEAL, Kelly Márcia de Moura. **“Em defesa da moral e dos bons costumes”**: A censura moral às canções de Chico Buarque na Ditadura Civil-Militar. 2014. 115 p. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Universidade Federal do Piauí, Picos.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Ítalo Cristiano Silva e; ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. Sobre as dobras do saber: a AIDS a partir dos rastreamentos foucautianos nas décadas de 1980 e 1990 no Brasil. In: OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de; SOUZA, Ítalo Cristiano Silva e. (Org.). **Olhares de Clio**: cenários, sujeitos e experiências históricas. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 99-109.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.